A Casaca do Arlequim

Belo Horizonte, uma Capital Eclética do Século XIX

USP
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

edusp
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Lucas Antonio Moscato

COMISSÃO EDITORIAL
Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Suplentes José Roberto Castilho Piqueira
Marta Maria Geraldes Teixeira
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Divisão Editorial Cristiane Silvestrin

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-reitor Alessandro Fernandes Moreira

EDITORA ufmg
EDITORA UFMG

Diretor Flavio de Lemos Carsalade
Vice-Diretora Camila Figueiredo

CONSELHO EDITORIAL
Presidente Flavio Carsalade
Ana Carina Utsch Terra
Antônio de Pinho Marques Júnior
Antônio Luiz Pinho Ribeiro
Camila Figueiredo
Carla Viana Coscarelli
Cássio Eduardo Viana Hissa
César Geraldo Guimarães
Eduardo da Motta e Albuquerque
Élder Antônio Sousa Paiva
Helena Lopes da Silva
João André Alves Lança
João Antônio de Paula
José Luiz Borges Horta
Lira Córdova
Maria Alice de Lima Gomes Nogueira
Maria Cristina Soares de Gouvêa
Renato Alves Ribeiro Neto
Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi
Rodrigo Patto Sá Motta
Sônia Micussi Simões
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

Coordenação Editorial Jerônimo Coelho
Assistência Editorial Eliane Sousa
Direitos Autorais Anne Caroline da Silva

Heliana Angotti-Salgueiro

A Casaca do Arlequim

Belo Horizonte, uma Capital Eclética do Século XIX



edusp

EDITORA ufmg

Copyright © 2019 by Heliana Angotti-Salgueiro

Ficha catalográfica elaborada pela
Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)

Angotti-Salgueiro, Heliana

A Casaca do Arlequim: Belo Horizonte, uma Capital Eclética do Século XIX / Heliana Angotti-Salgueiro. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

608 p.; il.; 19,5 × 25,5 cm.

Inclui imagens, lista de imagens, bibliografia.
ISBN 978-85-314-1733-7 (Edusp)
ISBN 978-85-423-0039-0 (Editora UFMG)

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. História da cidade. 4. Belo Horizonte – História. I. Titulo.

CDD-711.40981

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Editora UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – CAD II / Bloco III, Campus Pampulha
31270-901 – Belo Horizonte – MG – Brasil
Tel: (31) 3409-4650
www.editoraufmg.com.br – e-mail: editora@ufmg.br

Printed in Brazil 2019
Foi feito o depósito legal

Mais do que uma busca de conhecimento, e além do amor pela história, este trabalho foi para mim uma resposta à infelicidade.

À memória de Adriano, meu filho mais novo.

A José, Juliana e Francisco, cujas vidas se transformaram para que eu o fizesse.

Sumário

Agradecimentos 10

Lista de Abreviaturas 11

Apresentação à Edição Brasileira: Repensar Histórias – O Exercício Autorreflexivo Hoje 13

Introdução: Da Retórica de uma Geração à *Démarche* do Historiador 49
Uma Capital para Minas Gerais 52
História da Arte, História da Cidade 54
Uma Experiência do Olhar e da Caminhada 57

PRIMEIRA PARTE
O *Organizador*: O Engenheiro Aarão Reis, da Escola Politécnica ao Sonho de uma Utopia Urbana 61

1. Formação, Pensamento e Ação de Aarão Reis: Cientismo e Utopia 65
2. *A Paisagem do Sábio*: O Estudo das Localidades Indicadas para Sediar a Capital 83
3. A Montagem do Sonho – Comissão Construtora: Racionalidade Positiva e Divergências Políticas 101

4. Do *Caminho das Mulas ao Caminho dos Homens*: A Planta da Cidade Moderna 113
Fontes, Comparações, Mudanças 129

5. A Memória Criada: Da Natureza ao Construído – Imagens de Propaganda 151

6. Figuras da Pátria: A Simbólica do Espaço Republicano 169

7. Desapropriações e Segregação Urbana: A Capital Artificial ou a Cidade Vazia 189

8. Engenheiros e Arquitetos na Cidade: As Condições de um Debate 201

SEGUNDA PARTE
O *Criador*: O Arquiteto José de Magalhães, do Horizonte Parisiense da École des Beaux-Arts à Sua Obra Capital 215

9. A Admissão na École des Beaux-Arts 219
Daumet, o Mestre do Ecletismo Moderado 229
Princípios do Ensino na Segunda Classe: Uma Arquitetura em Fragmentos 239

10. A Arquitetura e Seu Lugar 249
Entorno Paisagístico: Arquitetura-Natureza 257
Dimensão e Escala: "O Grande no Pequeno" 268

11. Composição, Legibilidade e "*Promenade* Arquitetural" 279
Os "Meios de Comunicação" 288

12. Estilo: Uma Questão de *Caráter* e de *Décor* 295
Conhecer um Programa... e Executá-lo de Outra Maneira 307

13. O Discurso da Referência: Do Modelo à Sua Transformação 321

14. A Paris de Magalhães 333

15. Os Materiais de Construção e os Desafios do Canteiro de Obras 349
Uma "Estética Barata": Do Provisório ao Efêmero 366

TERCEIRA PARTE
Os *Práticos*: A Cidade Construída ou o Triunfo dos Mestres de Obras 373

16. Discursos, Instituições e Formas de uma *Arquitetura Progressista*: A Longa Duração do Clássico, ou o *Vignola* ao Alcance de Todos 377
17. O Ecletismo: "Anarquia", Liberdade e Indústria – O "Estilo Atual" 405
18. O Cosmopolitismo e a Busca do Nacional: Representações e Vicissitudes Estilísticas 433
O País do Barroco Convertido ao Neogótico 448
19. Ouro Preto: A Saída do Contexto Colonial 465
O Plano de Melhoramentos Urbanos 473
As Transformações Arquiteturais 476
20. A Arquitetura Civil da Nova Capital: As Casas-tipo ou a Variedade na Uniformidade 497
21. Luiz Olivieri: A *Liberty* de Ser Eclético – Escala-detalhe 519

Conclusão: A Arquitetura e Seu Público: A Cidade Representada e a Cidade Vivida 553
Um Cenário de Desacordos 554
Imagibilidade, Transformação, Metamorfose 562
"O Olho que Passeia pela Cidade" 568

Fontes e Bibliografia 575

Lista e Créditos das Imagens 599

Agradecimentos

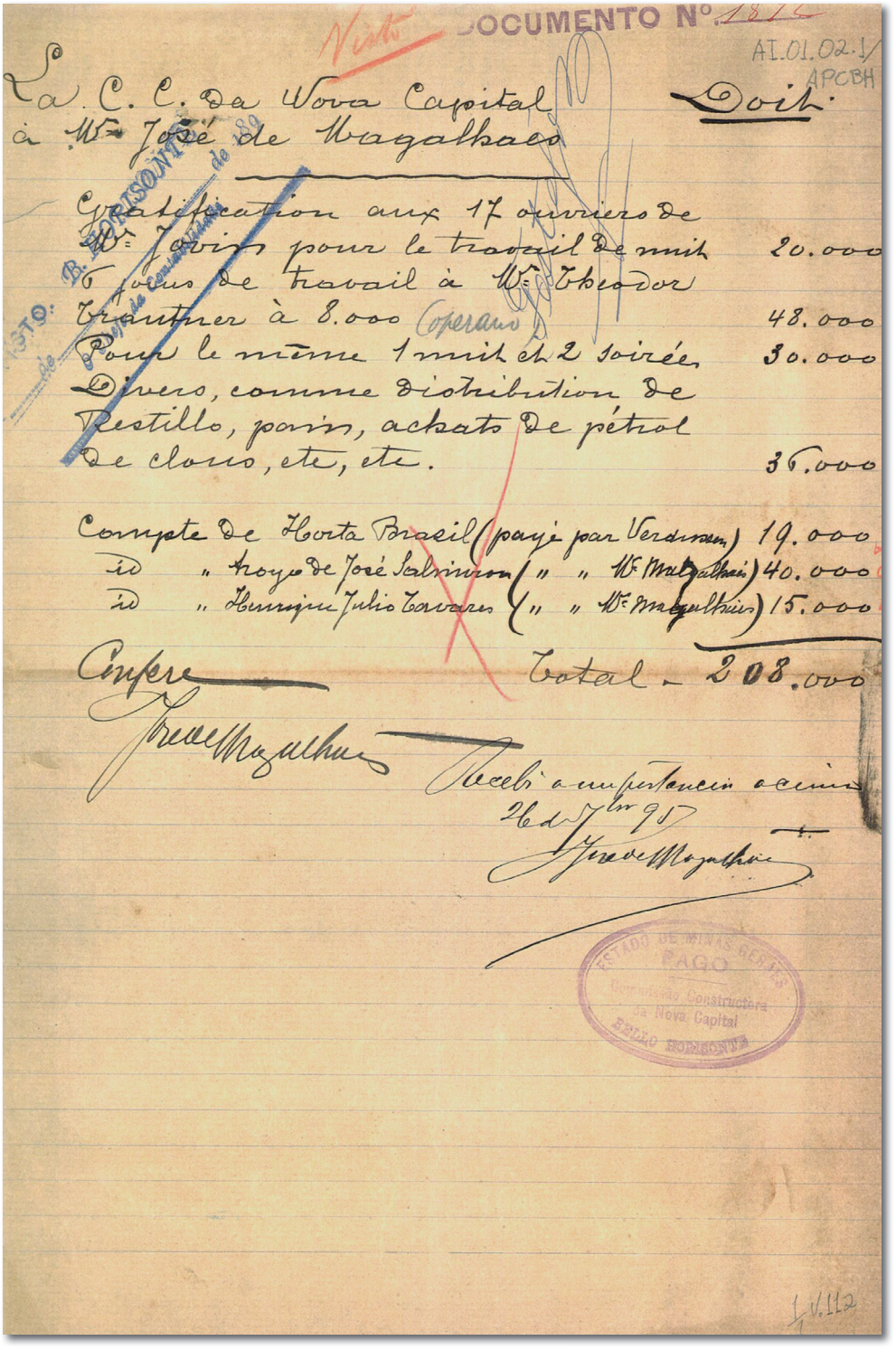
Agradeço à Editora UFMG e especialmente à Edusp e equipe pelo apoio à publicação deste livro – em particular a Plinio Martins Filho e a Cristiane Silvestrin. E também ao arquiteto Eduardo Campos (Studio Darshan), que preparou as imagens.

Sendo um trabalho escrito fora do país, eu não poderia deixar de reiterar alguns dos agradecimentos que constavam na edição francesa, sobretudo àqueles que, do Brasil, enviaram-me fotocópias de textos e fotografias, ou que, na França, me encorajaram em momentos específicos da elaboração da tese: Anna Soares Angotti, Affonso Ávila, Agostina Pinon, Antoine Picon, Annateresa Fabris, Bernard Lepetit, Claudine Fournols, Christine Bonnefoy, François Loyer, François e Geneviève Legrand, Giovanna Rosso del Brenna, Hélio Gravatá, Jacques Revel, Jean-Louis Cohen, Jean e Alèna Galard, Josette Clier, Leyla Perrone-Moisés, Margareth da Silva Pereira, Maria Cremilda Montandon, Marie-Laure Crosnier-Leconte, Mário Carelli, Marie-Vic Ozouf-Marignier, Martim Francisco Coelho de Andrada, Michel Coste, Paulo Rossi, Ruth Villamarim, Silvana C. Trindade, Viviane Claude, Ivo Porto de Menezes, Walter Zanini.

Meus agradecimentos ainda às instituições que colaboraram para esta edição brasileira, especialmente ao Museu Histórico Abílio Barreto (Ana Portugal e Christian M. Ribeiro Quadros), Arquivo Público Mineiro (Marcia Alkimin), Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais (Bernardo Pacheco Schuchter), Biblioteca de Obras Raras da Escola de Minas de Ouro Preto (Renata F. dos Santos) e à Biblioteca Central da Escola Politécnica da USP (Maria Aparecida Gabriel).

Lista de Abreviaturas

A-IEPHA	Arquivo do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG).
A-IPHAN	Arquivo do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro (RJ).
APCBH	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (MG).
APM	Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte (MG).
ARSS	*Actes de la recherche en sciences sociales*.
CEL	*Commissão d'Estudo das Localidades Indicadas para a Nova Capital* (Relatório da...), Rio de Janeiro (RJ), Imprensa Nacional, jan.-maio 1893.
CNMHS	Caisse nationale des monuments historiques et des sites.
CRA	*Les cahiers de la recherche architecturale et urbaine*.
EBA	École des Beaux-Arts (École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, Paris.)
JSAH	*Journal of the Society of Architectural Historians*.
LCM	*La construction moderne*, Paris, 1885-1922.
MHAB	Arquivo do Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte (MG).
RAPM	*Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte (MG), ano XXXIII, 1982 e ano XXXVI, 1985.
RGA	*Revue générale de l'architecture et des travaux publics*, Paris, 1840-1886.
RGT	*Revista Geral dos Trabalhos* (Commissão Constructora da Nova Capital), Rio de Janeiro, Lombaerst & C., n. I, abr. 1895, e n. II, ago. 1895.
RIHGB	*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.
RIMG	*Revista Industrial de Minas Geraes*, Ouro Preto (MG), 1893-1897.



Recibo de pagamentos emitido pela Comissão Construtora da Nova Capital, redigido em francês. Belo Horizonte, 1895.

APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Repensar Histórias: O Exercício Autorreflexivo Hoje

Agora, tanto tempo depois daquela época.
Título de piano solo de Philip Glass, 1994.

Não é a única vez, na minha vida, que tive o sentimento de ser obrigado por uma força superior de fazer alguma coisa que me custou muito e cuja necessidade foi sentida apenas por mim.
Pierre Bourdieu, *Esquisse pour une auto-analyse*,
Paris, Raisons d'Agir, 2004[1].

Esta Apresentação é um exercício reflexivo sobre minha tese de doutorado defendida em 1992 na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris, e que, após receber o prêmio da melhor tese do ano, foi reduzida sob sugestões do historiador Jacques Revel, então editor-chefe da instituição, para ser publicada em livro na coleção Civilisations et Sociétés, em 1997[2].

1. Todas as traduções de epígrafes e citações são da autora, salvo quando existem traduções oficiais. Nesses casos, recorreu-se a elas.
2. O livro *La casaque d'arlequin: Belo Horizonte une capitale éclectique au 19e siècle*, 1997d, é uma versão da tese *Belo Horizonte, histoire d'une capitale au XIXe siècle: Représentations urbaines et architecturales françaises au Brésil – une étude de cas*, de maio de 1992. Entre os cortes feitos para a publicação francesa, além da absorção das introduções e conclusões de cada uma das três partes, foram eliminadas muitas figuras e suas respectivas legendas (350 no terceiro volume da tese) que caminhavam *pari passu* com a argumentação dos capítulos, assumindo um papel visual demonstrativo dos argumentos do texto. Nesta tradução,

Desde minha volta ao Brasil em 1993, passei a expor alguns aspectos desse trabalho e as experiências de reflexão adquiridas nos anos passados no exterior por meio de seminários, conferências, artigos e colóquios. Para além do âmbito universitário, organizei a exposição *Belo Horizonte: O Nascimento de uma Capital*, pois acredito ser essa uma das formas mais democráticas que o estudioso pode lançar mão para comunicar os resultados de uma pesquisa acadêmica a um público mais amplo[3]. A tese foi logo aceita para publicação pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), porém, sua tradução foi delongada, pois me envolvi em outros projetos de pesquisa, docência, curadorias, organização de eventos científicos e publicações individuais e coletivas, muitas vezes em outras áreas do conhecimento, e mesmo fora do Brasil, o que acabou por postergar esta edição.

Apesar da difusão que busquei fazer nas instâncias mencionadas, considero que *La casaque d'arlequin* não obteve no Brasil a leitura e o debate crítico que alcançou no exterior[4] – talvez pelo fato de ter sido publicado em francês, língua cada vez menos lida entre nós, de tratar do século XIX, período que a historiografia brasileira, marcada pela relevância da nossa arquitetura moderna, estigmatizava (e continua a nutrir pouco interesse), ou ainda por minha condição de pesquisadora independente, sem oportunidade oficial para orientar trabalhos, difundir bibliografias e alimentar novas linhas de pesquisa correlatas aos temas desenvolvidos neste livro. Acresce o fato que as histórias cultural e intelectual da cidade e dos atores nela atuantes, que pautam minhas reflexões, ainda não eram reconhecidas nas tradições interpretativas da área.

acrescentei 63 imagens às 105 da edição francesa, revisei notas e a bibliografia, mas o prefácio e parte dos agradecimentos conjunturais ao período da tese e de sua publicação foram excluídos.

3. Essa exposição internacional, com 286 obras – projetos originais de arquitetura do século XIX, livros raros, fotografias, esculturas, mapas e documentos diversos procedentes de museus franceses e dos arquivos de Belo Horizonte e outros do país, aconteceu em Belo Horizonte (Escola Guignard) e em São Paulo (Museu de Arte de São Paulo – Masp), entre abril e junho de 1996. Um jornal da exposição com textos explicativos (distribuído gratuitamente em Belo Horizonte) e um guia ilustrado na mostra em São Paulo informavam o público. Na época, não se faziam ainda exposições desse porte, ainda mais na área de arquitetura e urbanismo.
4. Na França, foram publicadas quatro resenhas sobre o livro: François Bodet, "Belo Horizonte: Quand Paris s'exporte", *Le bulletim d'informations architecturales* (hoje *Archiscopie*), 1999, p. 10; Antoine Picon, *Les cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, 1999, pp. 203-204; Jean-Baptiste Minnaert, *Revue de l'art*, 2000, pp. 81-82; Laurent Vidal, *Annales HSC*, 2003, pp. 197-198 (caderno especial com resenhas sobre obras em história urbana). A nível local, organizei um livro com comunicações de colegas estrangeiros (Bernard Lepetit, Donatela Calabi e Antoine Picon), que participaram das Jornadas de Estudos em Belo Horizonte e em São Paulo, durante a referida exposição, publicado anos depois: *Cidades Capitais do século XIX*: *Racionalidade, Cosmopolitismo e Transferência de Modelos*, 2001.

Retomando Paul Ricœur, Bernard Lepetit observou que se espera de um texto que ele não só abra "um caminho de pensamento", como também convoque uma leitura que o interprete, e leve à "compreensão dos mundos nos quais o eu se informa e se forma", compreensão que assume "o caráter de uma apropriação [...], inscreve-se em uma tensão temporal" – ou seja, ao *atualizar* "a significação de um texto, [a leitura] luta contra a distância que separa o leitor do sistema de valores em que o texto se constrói"[5]. A recepção do trabalho científico e mesmo de um autor no mundo acadêmico depende, ainda, de uma série de fatores, como bem observou Pierre Bourdieu na sua conhecida noção de *campo de forças*, ao referir-se a apoios mútuos, "solidariedades de interesses", redes, filiações ou relações de poder e concorrência universitária, marcados por resistências coletivas e individuais diante de "textos que circulam sem seu contexto" – ou seja, que não levam consigo as discussões do seu tempo e a bibliografia na qual se apoiam. Nacionalismos, imperialismos e corporativismos do referido *campo*[6] ora acolhem, ora ignoram esses textos, ou mesmo não os compreendem em todas suas dimensões, pois eles estão ligados a outros universos culturais.

O avanço da historiografia brasileira dos últimos decênios, ou a massa de publicações sobre muitos dos temas nas áreas de história urbana[7] e arquitetura que lancei neste livro amortecem em parte, hoje, o impacto que teria representado sua publicação na época. Porém, com a abertura e o incremento dos cursos de pós-graduação e a busca de interlocuções e intercâmbios internacionais que se tornaram prioritários nas instituições universitárias e agências de fomento, espero que haja um espaço favorável para acolher a tradução desta obra, que há vinte anos já se inscrevia em um cenário de renovação metodológica e internacionalização da vida intelectual. O leitor verá que nenhum dos aspectos da história de Belo Horizonte foi analisado isoladamente, seja os relativos aos ideários urbanísticos, seja aqueles que se referem à apropriação de modelos arquiteturais – daí, inclusive, uma das razões e das vantagens de pensá-los fora do país.

5. Bernard Lepetit, "É Possível uma Hermenêutica Urbana?", em Heliana Angotti-Salgueiro (org.), *Bernard Lepetit*: *Por uma Nova História Urbana*, 2016, pp. 186-187.
6. As expressões do parágrafo são todas do conhecido texto da conferência de 1989 de Pierre Bourdieu, "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées", 2002, pp. 3-8.
7. Escrevi um prefácio à reedição dos textos de Bernard Lepetit, citada na nota 5, em que considerei a vitalidade e a profusão de publicações na área da história urbana em níveis local e internacional.

Finalmente, em 2012, graças a uma coedição da Editora UFMG com a Edusp, dediquei-me, embora de forma intermitente, a preparar a tradução de *La casaque d'arlequin*. Ao reler e ao traduzir os textos de uma pesquisa construída nos meios da EHESS e em outros espaços de reflexão na Paris dos anos 1986-1992, percebi a necessidade de explicar meu percurso: de um lado porque, como anunciei, toda obra é marcada pelo seu contexto intelectual e, de outro, porque "a subjetividade do historiador ou a afirmação dos direitos do *eu* no discurso histórico" embora seja uma atitude antiga da profissão, tornou-se ultimamente uma prática habitual. Desde Marc Bloch, no clássico *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*[8], lê-se que a responsabilidade e a ética profissional do historiador devem levá-lo a "prestar contas a seus leitores" – ou seja, situar sua formação, a historicidade e o universo de referências do seu trabalho, já que as escolhas da pesquisa e seus resultados estão sempre "ligados fundamentalmente a um momento, a um lugar e a uma instituição" – como observou Michel de Certeau, em "L'Opérations historique", na abertura do vol. 1 da trilogia *Faire de l'histoire. Nouveaux problèmes*, traduzida em 1978, uma das bases de formação de minha geração entre referências bibliográficas que partiram da Nova História, ditando mudanças, que foram sendo transformadas ou completadas por outras *guinadas críticas*[9] vivenciadas no período passado em Paris.

É evidente minha filiação à EHESS (e à quarta geração da revista *Annales*), em razão de ter tido a grande oportunidade entre 1986 e 1992 de fazer meu doutorado nessa instituição com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ali fui aluna de Hubert Damisch (orientador da tese), Marcel Roncayolo, Roger Chartier, Pierre Nora, Louis Marin, François Furet, Mona Ozouf, Jacques Revel, Bernard Lepetit, Christian Topalov e Jean-Louis Cohen, além de frequentar em outras universidades seminários de Maurice Agulhon, Claude Mignot e outros, na busca de novas interpretações e bibliografia para construir os temas da tese que começava a tomar forma. Além disso, frequentei durante anos as tribunas semanais de conferências e de debates da Société Française des Architectes, de que parti-

8. Sabe-se que a primeira edição preparada por Lucien Febvre foi publicada em 1949, e a nova edição, preparada por Étienne Bloch, com prefácio de Jacques Le Goff, saiu pela Armand Colin, em 1993, e foi traduzida pela Zahar em 2002.
9. Refiro-me ao momento em que se lançou o editorial, "Histoire et Sciences Sociales: un tournant critique", nos *Annales*, em 1994. Este editorial, sem assinatura, expressa inteiramente as posições de Bernard Lepetit, então secretário de redação da revista.

cipavam jovens pesquisadores e arquitetos consagrados, procedentes de países diversos[10], e que se abriam tanto à história como à teoria, articulando crítica e atualidade arquitetural e urbana, o que muito ajudou a completar minhas aspirações plurais de conhecimento dessas áreas.

Sabe-se que os enfoques da arquitetura como atividade tipicamente urbana e constitutiva da cidade foram defendidos por estudiosos na Itália desde o decênio de 1960[11]. A França, contudo, manteve-se por um bom tempo distante dessa perspectiva metodológica, seja no âmbito da história da arte, seja quanto à inserção da arquitetura nas práticas culturais do espaço urbano (com raras exceções[12]). Considerei o estado dessa questão no início da tese, dada sua pertinência e às escolhas que definiram sua redação no fim dos anos 1980, sendo uma tese em história da arte que se voltava para a história da cidade. Porém, por ocasião da publicação do livro, essas considerações conjunturais de historiografia foram resumidas, pois o desenrolar da minha própria narrativa já explicitava a mudança, tendo absorvido a subsequente evolução mais articulada dessas disciplinas.

Havia um movimento de renovação historiográfica no *ar do tempo* e eu me integrei a ele, embora a consciência disso não fosse então muito clara. Com o passar dos anos compreendo melhor as linhas de pesquisa delineadas em um tempo fértil como aquele, as filiações ou a marca deixada por alguns mestres, e minhas próprias escolhas, bem como o papel da experiência de observação pessoal de percursos de cidades e arquiteturas, na maturação do pensamento. A redação acadêmica se alimenta do diálogo do estudioso com seus autores, arquivos, referências, e também pelas deambulações urbanas,

10. O periódico *Le visiteur: ville, territoire, paysage, architecture*, editado pela Société Française des Architectes, que promovia as conferências, foi uma referência incontornável sobre essa abertura, publicando textos de seus principais porta-vozes.
11. Entre as leituras que circulavam sobre a relação cidade-história, destaco o livro de Aldo Rossi, *L'Architecttura della Città* (1966), traduzido para o francês em 1981 e 1984; Giulio Carlo Argan, *Storia dell'Arte Come Storia della Città* (1983) – que li primeiramente na edição espanhola de 1984 e mais tarde, quando escrevia a tese, na edição francesa de 1995. Obras de Manfredo Tafuri e equipe do Istituto Universitario de Architettura di Venezia são também referências sobre os cruzamentos de aspectos múltiplos da cidade, sua história e arquitetura. O prefácio de François Loyer à edição francesa do meu livro em 1997 mencionou *en passant* algumas dessas referências, inscritas nos debates e na historicidade do seu meio, e que hoje pedem para serem lidas à luz de sua fortuna crítica e devida revisão.
12. Quanto ao primeiro tema, uma das referências foi Françoise Boudon e Hélène Cousy, "L'architecture dans ses rapports avec la ville: orientations récentes", 1972. Em relação à análise sociocultural e aos demais níveis da história da cidade, cito apenas o debate sobre o livro de Jean-Claude Perrot que marcou época, *Genèse d'une ville moderne: Caen au XVIII^e siècle* (1975), entre seu autor, Marcel Roncayolo, Daniel Roche, Jean Bouvier e Jean-Pierre Bardet, "Note critique: une nouvelle histoire des villes", 1977.

as viagens de estudo e a formação de acervo fotográfico para fins pedagógicos futuros – rememorá-los é um exercício de autocrítica e redescoberta de caminhos trilhados. Vivências e memórias voltam para reacender o próprio itinerário intelectual, que, embora corra o risco de interessar apenas a mim mesma, se apresenta aqui seguindo a referida tendência atual de estudos retrospectivos sobre a epistemologia do conhecimento histórico, consciente de que a reflexão sobre método comentada nesta apresentação não precedeu o trabalho, embora subentendida em todo o seu desenvolvimento, revelando-se claramente nas leituras e amadurecimento posteriores a ele. Voltarei a essa questão mais adiante.

Nesse sentido, tenho observado que uma série de obras publicadas no último decênio na França sugere que se vive um momento reflexivo em relação às pesquisas pessoais e à sua inserção na historiografia; ou seja, a referida volta dos historiadores sobre seus próprios trabalhos e convicções metodológicas (exercício praticamente obrigatório na preparação de uma HDR[13]), ou quando, em determinado estágio da reflexão, sente-se necessidade de tomar consciência de si, da conjuntura intelectual e dos sistemas de interpretação partilhados, de "pensar a história fazendo história", como escreveu François Hartog no seu conhecido *Régimes d'historicité*. Ao lançar esse olhar retrospectivo sobre um período marcante da vida acadêmica, relembro primeiramente o que Pierre Nora escreveu no prefácio de um dos livros coletivos que preparava quando segui seus seminários, *Essais d'ego-histoire*, em 1987:

> [...] o historiador dos dias de hoje está pronto, ao contrário de seus antecessores, a confessar a ligação estreita, íntima e pessoal que mantém com seu trabalho. Ninguém ignora que um interesse confessado e elucidado oferece um abrigo mais seguro que vagos projetos de objetividade. O obstáculo transforma-se em vantagem. A explicação e a análise do investimento existencial [...] tornam-se o instrumento e a alavanca da compreensão[14].

13. A Habilitation à Diriger des Recherches (HDR) é um concurso para habilitar o pesquisador a orientar teses e compõe-se de vários dossiês: um texto consistente autorreflexivo (que muitas vezes pode constituir um livro à parte, a exemplo de Patrick Boucheron, *Faire profession d'historien*, 2010), acompanhado das publicações feitas na sequência da tese de doutoramento, organizadas tematicamente e devidamente referidas no dossiê, além de um novo trabalho de pesquisa, memória inédita, que seria um futuro livro. No Brasil, a livre-docência ou o memorial para concurso de titular seriam equivalentes.
14. Pierre Nora (org.), *Ensaios de Ego-história*, 1989, pp. 10-11.

Aquele novo gênero, a *ego-história*, cujo interesse metodológico foi muito além do pretenso "exibicionismo" de que seu editor foi acusado, reuniu há trinta anos historiadores para repensarem sua produção, antecedendo a mencionada tendência atual de historiadores de explicarem sua trajetória[15] ou assumirem uma postura memorial, repensando as próprias experiências de pesquisas e seu referencial bibliográfico[16]. Patrick Boucheron, historiador da cidade medieval, observou recentemente que "a autorreflexão é a única novidade metodológica da história contemporânea. Hoje, o historiador deve explicar ao leitor as razões pelas quais construiu seu tema e se construiu ele mesmo como sujeito do que vai narrar. Não por vaidade, nem narcisismo, mas por uma consciência de responsabilidade" profissional[17], refletindo sobre a historicidade de seus escritos, sua conjuntura historiográfica e institucional.

O livro em questão me leva neste particular a fazer referência ao *revival* do século XIX e às pesquisas que o "reabilitaram" (que eu havia considerado na tese), bem como a uma "idade de ouro" metodológica vivenciada nos seminários da EHESS, relacionando-os ao meu trabalho. Ao contextualizar as hipóteses teóricas e outras que presidiram a interpretação, reconstruindo as situações reflexivas dessas interpretações, percebi também que elas se inscrevem em tomadas de posição editoriais da atualidade[18].

O revival do século XIX na historiografia

Os decênios de uma revisão de enfoques e de pesquisas sobre a história da arquitetura e do urbanismo do século XIX no âmbito internacional ocorreram a partir dos anos 1970, e seus resultados se desdobraram em publicações e exposições dos dois lados do Atlântico, afirmando-se nos anos 1980-1990.

15. Gérard Noiriel, *Penser avec penser contre: itinéraire d'un historien*, 2014, especialmente o capítulo "Marc Bloch et le métier d'historien".
16. Ver Christophe Charle, *Homo historicus: réflexions sur l'histoire, les historiens et les sciences sociales*, 2013. Christophe Charle participava dos meios intelectuais que frequentávamos em Paris. É hoje autor conhecido de obras sobre a história dos intelectuais, das elites universitárias e de estudos sobre capitais culturais, formas de circulação e internacionalização.
17. Ver Patrick Boucheron, "La recherche de l'identité est contraire à l'idée même d'histoire", 2015. Ele observa que no exercício de expor as escolhas de pesquisas realizadas "os historiadores assimilaram as lições das ciências sociais, da literatura, e talvez mesmo da psicanálise, que os levam a esclarecer seus pontos de vista e designar o seu lugar".
18. Dentro da perspectiva de releitura de temas, períodos e diálogos historiográficos, ver a linha da coleção Écritures de l'Histoire, dirigida por Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia, a partir de 2013. Entre as noções que já pautavam meu trabalho há mais de vinte anos, destaco mais adiante a das *transferências* sob as perspectivas de uma história cultural cosmopolita (hoje chamada de *transnacional*).

Editoriais e resenhas destacam o caráter de "reconquista" de uma época, de libertação das críticas modernistas a partir de algumas premissas decisivas, como a de "não julgar o século XIX à luz do XX", não privilegiar o estudo dos "pioneiros", "precursores" ou "profetas" do *design* moderno ou considerar apenas os exemplares da arquitetura do ferro, silenciando sobre tantas outras questões próprias do século XIX, como: o sistema de ensino da arquitetura, a reinterpretação dos estilos, o estatuto da imitação e da citação, o papel da crítica, a introdução de revestimentos industrializados de fachada, o debate sobre o ornamento, e o aparecimento de novos programas na arquitetura pública e de novas tipologias na arquitetura privada. O que levaria a entender a época como o *século da história* (e não apenas *da indústria*) *e da arqueologia*, enfim, o século da "invenção" da história da arte, marcado pela liberdade de lançar mão de todas as referências estilísticas que o precederam[19].

Não pretendo aqui retomar a conjuntura intelectual favorável a essa nova compreensão nem listar e resumir as inúmeras leituras, hoje já bem difundidas. O leitor que não as conhece vai se inteirar automaticamente de parte delas na riqueza documental e nos cruzamentos de que lancei mão para construir os capítulos deste livro. Situar o cenário historiográfico em que suas grandes linhas se inscrevem significa apenas indicar algumas obras que marcaram aquele momento e outras que vieram depois, cujas reflexões convergem com as minhas, além de situar na historiografia noções pertinentes ao estudo em questão. Nesse sentido, os objetivos desta apresentação são modestos e específicos, bem diversos dos de um balanço historiográfico mais amplo[20].

Começo citando um dos conhecidos marcos fundadores da revisão do século XIX, que foi o livro organizado por Arthur Drexler, *The Architec-*

19. Ver Bruno Foucart, em resenha sobre dois livros fundadores de Claude Mignot e François Loyer publicados em 1983, *L'architecture au XIX^e siècle* e *Le siècle de l'industrie*: Bruno Foucart, "Les faits culturels", 1985. Anteriormente já havia sido publicado um longo tópico fundador (Roberto L. Delevoy, "Architecture du XIX^e siècle", 1978, pp. 175-178) sobre obras e exposições com interpretações menos estereotipadas e ideológicas do que as que o mito funcionalista veiculou sobre essa época e seus arquitetos, abrindo novas perspectivas de análise. François Loyer, em resenha ao livro de Claude Mignot, *L'architecture du XIX^e siècle,* faz uma crítica retrospectiva das publicações do século XX sobre o XIX – a primeira remontando ao século XVIII: Emil Kaufmann, *Von Ledoux bis Le Corbusier*, 1933; seguida de "clássicos" que pesaram negativamente, como: Siegfried Gideon, *Space, Time, Architecture*, 1941, Henry-Russell Hitchcock, *Architecture: Nineteenth and Twentieth Centuries*, 1958. Ver François Loyer, "Bibliographie", *Bulletin monumental*, 1985a, pp. 185-187. Ver também, nesta mesma revista, a resenha de Claude Mignot ao livro de François Loyer, *Le siècle de l'industrie, 1789-1914*, 1983b.

20. Nesta perspectiva, ver Margareth da Silva Pereira, "L'architecture et l'urbanisme au Brésil, une réflexion sur trente ans d'histoire", 2013. Uma versão semelhante em português foi publicada sob o título "O Rumor das Narrativas: A História da Arquitetura e do Urbanismo do Século XX no Brasil como Problema Historiográfico – Notas para uma Avaliação", 2014.

LANÇAMENTO 2020

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

edusp